



<http://doi.org/10.7213/2318-8065.05.02.p99-111>

## COVID-19: olhares religiosos sobre a realidade pandémica

*COVID-19: religious views on pandemic reality*

José Brissos-Lino\*

### Resumo

Este artigo tem por objecto o campo religioso e por objectivo entender de que forma as religiões encararam a crise provocada pela Covid-19 e que impactos a mesma exerceu sobre as comunidades de fé, a praxis, o discurso, e sobretudo qual foi o sentido atribuído ao acontecimento, de forma a enquadrar-se na narrativa religiosa e doutrinária de cada uma das correntes filosóficas e religiosas, tendo em conta o facto de as religiões desempenharem um papel importante para o desenvolvimento do ser humano. Procurou-se compreender a postura das religiões face à pandemia da Covid-19, tanto como encararam a suspensão dos seus serviços religiosos presenciais, devido ao confinamento profilático, como no modo de prestar apoio espiritual à comunidade dos fiéis, assim como no tipo de organização para não parar a sua intervenção social e de beneficência, em relação aos mais carenciados e vulneráveis da sociedade. Abordou-se ainda o sentido espiritual ou religioso da pandemia, do ponto de vista simbólico. Por conveniência, neste trabalho consideraram-se apenas algumas vertentes do campo religioso.

**Palavras-chave:** Fiéis. Pandemia. Religião.

---

\* Doutor em Psicologia da Religião e em Ciências da Religião. Docente e Investigador da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa. Instituto de Cristianismo Contemporâneo (Ciência das Religiões/FCSEA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2613-5213>. Contato: jose.lino@ulusofona.pt.



### **Abstract**

*This article aims to understand, in the religious sphere, in what ways do religions face the crisis caused by Covid-19, as well as how it impacted the faithful communities, praxis, discourse and above all, what sense was attributed to this event. Through this, we aim to frame the religious and doctrinal narrative of each philosophical and religious schools of thought while minding the fact that religions play an important role in the development of human beings. We aim to understand the stance of religions faced with the task of dealing with Covid-19, such as how the suspended their physical religious services due to prophylactic confinement to provide spiritual aid to the faithful community, as well as their ways of organizing themselves in order to constantly provide people with their social intervention and beneficence, especially when regarding the poor and vulnerable people in our society. We also touch on the spiritual or religious sense of the pandemic in terms of symbolism. This article only reflects upon the religious sphere.*

**Keywords:** Religious followers. Pandemic, Religion.

## Introdução

Desde a religião primitiva que o ser humano atribuiu aos deuses a causa de todas as intempéries porque não as sabia prever, explicar nem controlar, em especial as que mais o assustavam, como o trovão, o relâmpago, o vulcão activo ou a chuva torrencial. Desenvolveu então ritos sacrificiais e de outra natureza a fim de tentar aplacar a ira dos deuses e receber o seu favor.

Foi um Portugal fragilizado pela abrupta mudança de regime (1910) e pela participação na Grande Guerra que teve de enfrentar, a partir de maio de 1918, a chamada pneumónica, uma pandemia provocada pelo vírus da gripe do subtipo A (H1N1), que varreu o mundo. Ficou conhecida como “gripe espanhola” embora a sua origem estivesse num acampamento militar no Kansas, EUA. A sua extrema facilidade de contágio tornou-se devastadora, tendo com o alvo principal os jovens adultos entre os 15 e os 45 anos, nos quais provocava pneumonia fulminante e frequentemente fatal. Em Portugal a pandemia terá vitimado mais de 100 mil mortos e estima-se que tenha levado à morte entre 50 e 100 milhões de pessoas a nível global, em ondas sucessivas. Passado um século voltamos a viver algo semelhante com a Covid-19, com a diferença de que hoje os cuidados de saúde são muito mais capacitados e preparados, o que faz baixar significativamente a mortalidade.

Embora se saiba onde se manifestou o coronavírus e se disponha actualmente de bastante informação sobre a doença, a verdade é que a presente crise pandémica tem provocado os receios das populações essencialmente devido a dois factores: por um lado a sua dimensão planetária, e por outro a permanente e sufocante expressão mediática de que é alvo, como nunca antes na história da epidemiologia. A Covid-19 é já a maior pandemia do século, mas também a sua maior crise. O crescimento dramático das cadeias de infecção, o número de doentes em cuidados intensivos e de mortos registados, primeiro na Ásia, depois na Europa e finalmente nas Américas reveste-se da maior dramaticidade, até pelo facto de se estar a combater um inimigo invisível a olho nu, o que nem todos os indivíduos compreendem, em particular os mais idosos. Acresce que a dificuldade em testar a população em geral provoca uma subnotificação, agravando assim ainda mais o problema, para lá da manipulação das estatísticas por razões políticas, em especial em países onde o regime democrático não está implantado ou é incipiente.

Além disso os governos debatem-se cada vez mais com a difícil gestão entre o controlo da infecção e a quebra da economia, sentindo-se entre a espada e a parede, entre o risco de uma propagação descontrolada do vírus e suas nefastas consequências para a saúde pública, o colapso dos sistemas de saúde e uma elevada taxa de mortalidade, mas também o descontrolo da economia, o aumento do desemprego, as falências em cadeia, e uma pobreza em crescimento geométrico.

Sabendo que as religiões desempenham um papel importante para o desenvolvimento do humano, importa entender de que forma elas encararam a crise e que impactos a mesma exerceu sobre as comunidades de fé, a *praxis*, o discurso e sobretudo qual foi o sentido atribuído ao acontecimento, de forma a enquadrar-se na narrativa religiosa e doutrinária de cada uma das correntes filosóficas e religiosas. Neste trabalho apenas abordamos algumas delas. Decerto que as diferentes correntes religiosas tiveram que se repensar nestes tempos tão difíceis, a partir da sua fé, de modo a responder à necessidade espiritual dos fiéis, mas também de se organizaram para prestar socorro aos mais necessitados. Por razões de conveniência da investigação abordamos apenas parte do segmento religioso onde a recolha de informação se afigurou mais simples.

## Cristianismo

De um modo geral as igrejas cristãs – católicas, protestantes e evangélicas – apresentaram uma postura de colaboração com as medidas provenientes das autoridades de saúde e dos governos, no sentido de suspenderem os serviços religiosos durante o período de confinamento profilático, tendo encontrado nos meios telemáticos uma forma de manter o contacto com os fiéis e de lhes continuar a prestar apoio espiritual e aconselhamento. É evidente que sucedeu uma quebra acentuada de receitas das instituições religiosas, dada a suspensão das missas, cultos e reuniões presenciais, e mesmo na retoma dos mesmos as condições sanitárias impostas passaram a condicionar tanto o acesso como a dinâmica normal, com reflexos financeiros óbvios, além de terem sacrificado grandes festas religiosas como a Páscoa, o Pentecostes e as peregrinações.

As exceções desta atitude cooperativa está nos grupos fundamentalistas que atribuem a presente pandemia a um castigo divino e nos que pensam que os governos desejam limitar a liberdade religiosa dos cidadãos. Estiveram nessa linha alguns conhecidos líderes neopentecostais que insistiram na continuidade dos cultos presenciais, quando o mais sensato seria o isolamento profilático, em especial nas comunidades das periferias.

Por outro lado, ficou claro que os poderes públicos dificilmente conseguem entender a prática religiosa como essencial, e apesar de não a ter hostilizado lidaram com ela na mesma base de qualquer actividade como a cultura ou o desporto, sem entender que a religião consagra em si mesma uma natureza gregária que não se esgota na dimensão individual, antes partilhando-a com as celebrações colectivas. Em meros encontros de crentes,

qualquer que seja a religião ou comunidade, prevalece este paradigma: há um corpo crente coletivo. Como pêndulo, a celebração comunitária semanal explica e reforça as redes de fé. Prevalece até em cenários de guerra e sob risco de vida (FRANCO, 2000).

De facto, a certa altura começou a sentir-se um desconforto nos meios católicos, ainda segundo FRANCO (2020):

Esta suspensão, sine die, da eucaristia pública, atravessa o mais importante e sensível tempo litúrgico – a Quaresma, a Semana Santa e a Páscoa –, definidor da própria fé cristã. E é cada vez mais provável que Fátima, pela primeira vez, tenha de restringir ou cancelar as celebrações do 13 de maio no santuário.

Culturalmente enquadrada, a vivência religiosa começa numa adesão pessoal e expressa-se sobretudo em comunidade, no ombro-a-ombro de famílias próximas e alargadas, com códigos de pertença que desenham partilha e relações, sem exclusão de outras dimensões mais individuais e espirituais, com a experiência de isolamento e recolhimento místico que moldou o próprio pensamento da Igreja.

Recuperando o filósofo italiano Mario Perniola e aquilo a que chama o “sentir católico”, no sentido da afirmação duma identidade possuidora duma dimensão subjectiva e duma dimensão colectiva, na tentativa de definir a experiência religiosa do catolicismo para lá de constituir um conjunto de doutrinas e dogmas, MEXIA (2020) afirma:

Segundo Perniola, o catolicismo moderno abandonou largamente a velha disposição contra mundum, tornando-se mais pacificado e mais universalista. Em contrapartida, a experiência católica nos Estados laicos encaminhou-se para um entendimento da fé como “crença” ou “ideologia”, não como graça ou mistério. A louvável sensatez do catolicismo durante a actual pandemia agravou essa tensão: a Igreja tem hoje um discurso religioso privado e um discurso público laico, mas não tem um discurso público religioso. Não tardará muito a que alguns

católicos se inspirem no cineasta Nanni Moretti e peçam aos padres e aos bispos: “Digam qualquer coisa católica.

Segundo BORGES (2020), um estudo da Universidade de Viena investigou a relação entre religiosidade e pandemia. As conclusões apontaram para a tendência verificada nas pessoas mais religiosas, no sentido de utilizarem estratégias mais activas para procurar dominar a crise, enquanto as menos religiosas optam mais por reprimi-la ou mesmo negá-la. E são também as mais religiosas que procuram apoio social e lidam com a pandemia de forma mais determinada, mais optimista e serena. A pergunta clássica “onde está Deus?” surge sempre nas catástrofes ou eventos de vida traumáticos. Uma questão que não passou ao lado da Filosofia e da Teologia:

A história é um autêntico calvário. Hegel referiu-se-lhe como um Schlachtbank: um açougue, um matadouro. E lá está o famoso dilema de Epicuro: Deus tem de ser todo-poderoso e infinitamente bom. Ou Deus pôde evitar o mal e não quis, e não é bom; ou quis e não pôde, e não é onipotente. Ou quis e pôde; então, donde vem o mal?

Mesmo teólogos de renome sentiram-se atezados pelo dilema, de tal modo que alguns, como Jürgen Moltmann, falaram de um Deus impotente, que sofre conosco; outros, como Romano Guardini, chegaram a exclamar que "pediriam contas" a Deus pelo sofrimento dos inocentes; Karl Rahner disse que, "num tribunal humano, não sairia absolvido"; Karl Barth afirmou que, no Jardim das Oliveiras, quando Jesus rezava, suando sangue, Deus "se portou como Judas"; e Hans Urs von Balthasar disse que "se deve falar de uma descarga de ira de Deus sobre aquele que lutava no Jardim das Oliveiras." Nestas posições, a pergunta ergue-se talvez ainda mais veemente: acreditar como e para quê num Deus irado ou impotente?

FRANCO (2020), jornalista português especializado na área religiosa e investigador em ciência das religiões considera que:

No passado bíblico, e até há pouco tempo, o leproso era proscrito e afastado. As narrativas evangélicas contam que Jesus nunca temeu aproximar-se dos doentes, tendo-os como gente do seu “reino”. Como lembra a historiadora Rita Sampaio da Nóvoa, na “diacronia da convivência humana com a possibilidade de se ser contagiado ou de contagiar houve ruturas e permanências” ao longo dos tempos. Há 100 anos, para não recuarmos muito no calendário, a gripe espanhola não cessou inicialmente as missas, nem outras atividades económicas, coletivas e sociais, o que veio a revelar-se trágico. Tarde demais, as autoridades locais foram fechando compulsivamente os templos, oferecidos pela Igreja ou requisitados pelo Estado para serem enfermarias. Num século, aprofundou-se o conhecimento científico, as estruturas políticas, sociais e sanitárias, a secularização, a consciência do indivíduo, o direito universal...

Debate-se nos meios cristãos a questão da mesa da comunhão à distância no serviço religioso. Entre os católicos em termos de eucaristia e nos meios protestantes e evangélicos no caso da ceia do Senhor. O conceito de comunhão radica no físico, por isso há que encontrar formas imaginativas de tornar a dificuldade decorrente da suspensão dos serviços religiosos presenciais:

Com o dealbar dos meios de comunicação social, passou a ser possível acompanhar, à distância, uma cerimónia religiosa. No caso católico, em que a celebração eucarística e da palavra, vulgarmente designada como “missa”, significa a presença mística de Deus pelo pão consagrado no altar, há comunidades que, depois, se organizam e vão entregar a hóstia ao domicílio (FRANCO, 2020).

Do ponto de vista simbólico alguns grupos cristãos entenderam esta pandemia no sentido escatológico, enquanto parte das profecias bíblicas respeitantes aos dias difíceis denominados

“princípio de dores” e descritos no evangelho de Mateus (cap. 24), os quais constituem um alerta para que os crentes busquem uma maior consagração a Deus. Alguns chegaram mesmo a defender que a Covid-19 se tratava de uma punição divina.

## Espiritismo kardecista

A religiosidade espírita kardecista considera que o confinamento e subsequente afastamento social não impede necessariamente os indivíduos de cumprirem a sua missão de auxílio ao próximo. COELHO (2020) questiona-se sobre o sentido da pandemia:

O momento atual pelo qual atravessa a humanidade pode nos levar a questionarmos: qual seria a essência desta pandemia? Seria, inicialmente, apenas voltarmos a nossa atenção para a questão da saúde e dos cuidados? Criaria possibilidades de revermos nossas ações como seres em evolução? Permite-nos refletir sobre o real sentido da vida e o futuro, desta dentro de um macrocosmo? Seria capaz de alterar uma visão míope e de superioridade diante do incontestável poder de extinção da vida revelado por esta doença?

Nesse contexto, através de uma leitura de mundo voltada para o seu eu interior, buscando uma sapiência que possibilite o crescimento educacional e espiritual, ao se aglomerar recursos interpretativos de fé, objetivando a regeneração humana a fim de dias melhores, apresenta-se como uma possibilidade de resposta para este período de tantos confrontos.

Segundo a literatura desta opção religiosa a fé é a força instintiva da alma que mantém em aberto todas as possibilidades, não sendo uma muleta ou moeda de troca a usar em momentos difíceis, mas antes um meio para entender a acção divina no meio dos homens. Assim, a fé, à semelhança de outras tradições religiosas, assume uma presença contemplativa recíproca, marcada por uma procura humana por Deus mas também uma busca de compreensão dos caminhos da transcendência pelos quais Ele se revela para que a humanidade O encontre, de acordo com o seu plano de salvação. Deste modo, a fé não é uma conquista mas um desenvolvimento que importa promover (HAMMED, 2008). Em conferência espírita realizada já durante a pandemia, foi abordada a situação no sentido de trazer algum conforto:

não vos preocupais demasiadamente com a presença pandêmica do vírus [...]. Vós, que conheceis Jesus, mantende o respeito às leis, buscando a precaução recomendada pelas autoridades sanitárias, mas não oculteis a mão socorrista aos padecentes, não negueis a palavra libertadora aos que se preparam para enfrentar a imortalidade [...]. Buscai a pureza íntima e, sobretudo, alimentai-vos da fé dinâmica, corajosa e gentil amando a todos, evitando as paixões que dividem, e as experiências que desunem.

Esta exortação vem na linha da Lei de justiça, amor e caridade, presente no *Livro dos Espíritos*, na abordagem das dificuldades através duma reflexão e prática da fé com serenidade e prudência. Assim sendo, o confinamento não impede os indivíduos de manterem as dinâmicas de convívio familiar e mesmo social, ao lançar mão dos recursos e tecnologias de comunicação virtual com vista à efectivação desses contactos. O afastamento social não se traduz necessariamente em inércia ou comodismo, antes representando novos desafios nesta fase, de modo a encontrar novas formas de cumprir a sua missão de ajuda ao próximo, mesmo à distância, em diferentes actividades assistenciais ou de aconselhamento.

A religiosidade kardecista compreende a necessidade e oportunidade das medidas de prevenção do surto pandémico de modo a combater uma doença perigosa e altamente contagiosa que tem atacado os seres humanos em todo o mundo, sem barreiras nem distinções, embora com efeitos mais nefastos nas faixas da população menos favorecidas, devido a um conjunto de factores que vão desde as condições de vida, habitabilidade, alimentação ou cuidados de saúde, entre outros. Apesar do respeito pelas medidas de prevenção e isolamento social a fim de estancar a propagação da Covid-19, não esquece a sua vocação do serviço aos outros. Por outro lado este poderá ser também um período de reflexão e aprendizagem com a adversidade.

A religiosidade espírita não considera a actual situação como uma punição derivada dos comportamentos humanos, antes a encarando como uma oportunidade para o desenvolvimento de possibilidades com vista a uma evolução do espírito, no sentido da plenitude existencial, já que no universo não surge coisa alguma que não tenha na sua origem uma razão de ser.

## Religiões afro-brasileiras

Perante a situação de elevado risco para a saúde e a vidas das populações, as religiões afro-brasileiras suspenderam o seu calendário litúrgico, assim como as actividades abertas ao público nos terreiros, de modo a evitar qualquer contágio, visto que a transmissão do vírus acontece de forma mais rápida e agressiva principalmente em espaços com maior aglomeração e sem afastamento social.

O confinamento profiláctico não impede que os devotos se sintam unidos através das orações e também pelo mistério da fé, no sentido de rogar às divindades que aliviem a dificuldade social do momento.

Os serviços religiosos no candomblé, umbanda, quimbanda, e outros, implicam uma reverência diária e a prática de rituais semanais. No caso do candomblé essa reverência quotidiana consiste em entoar *jingoloxi* (rezas específicas), saudações e até *muimbu* (cantigas) para cada *nkisi* / orixá, que podem ser realizadas em casa, mas que nem por isso deixam de ser consideradas imprescindíveis para que seja possível manter o pensamento firme face ao caos e uma boa ligação com o sagrado.

MENDONÇA & MENDES (2020) afirmam que:

Os *minkisi* (pl. *nkisi*) são seres sábios e éticos e entendem a impossibilidade e limitação dos seus filhos que não podem estar no *nzo* (casa). Os rituais semanais são feitos para uma manutenção e renovação do *nguzu* (*axé*) do espaço litúrgico. É onde se organizam as oferendas que são feitas em prol de toda comunidade, material e imaterial.

No candomblé angola/congo, os *minkisi* que são ligados a doença, a saúde e a cura são: *Nsumbu*, *Kavungu*, *Kafungê*, *Kikongo*, *Nzumbarianganga*, *Katendê*, etc. Esses *minkisi* estão sendo cruciais na conjuntura atual, para assegurar a saúde mental, espiritual e o bem-estar dos adeptos. Através de *makudiá* (comidas) que são colocadas diante dos *kuxikama* (assentamentos) e orientam um pedido e uma troca entre as partes envolvidas; no intuito de ativar essa força sobrenatural do *nkisi*. Essa manipulação exige uma preparação singular por parte do sacerdote / sacerdotisa para “encantar” o ambiente e as *makudiá*. Cabe a ele (a) fazer a comunicação com as divindades e decidir qual delas será chamada para ocasião, com a proposta de afastar a doença, a morte prematura e a desgraça.

De acordo com MACGAFFEY (1991, p. 9), na tradição *bantu* as doenças são vistas como uma manifestação negativa do mundo espiritual, uma incongruência entre o *mpemba* (mundo dos mortos) e o *nseke* (mundo dos vivos):

De fato, a terra invisível dos mortos é idêntica e, no entanto, oposta àquela dos vivos – próximos e distantes; cênico e ainda surreal, mas sem a dor e a desordem associada ao mundo visível. Sendo assim, a existência dos *minkisi* tem a função de manter o equilíbrio entre esses dois mundos. Na África *bantu* (*Subsaariana*), os *minkisi* tinham uma imensa influência na sociedade, na cultura e na política, e estavam diretamente ligados nas tomadas de decisões no âmbito da economia, saúde, justiça. Para cada doença do corpo e do espírito existia um determinado *nkisi* que era usado como remédio para curar e preservar a saúde de toda a sociedade; e foram trazidos para o Brasil com algumas ressalvas, pois, a influência cristã e indígena moldou o culto sem perder o seu aspecto ancestral de cura, prosperidade, defesa, ataque e divinação.

Mas o que manda, afinal, é o bom senso e a prudência, apesar da fé e da crença na protecção sobrenatural:

Apesar de todo esse suporte místico, cada iniciado deve fazer o seu papel e não se arriscar, considerando que a fé e a protecção o possam proteger de tudo. O bom senso e a prudência devem prevalecer. Sair de casa o mínimo possível, lavar as mãos com frequência, usar máscaras, não dar abraços e beijos e acatar as ordens da comunidade médica são fatores importantíssimos para preservar a sua própria vida e a dos outros.

Visto que isso não enfraquece a crença ou a interação dos adeptos com os *minkisi*, os orixás ou os guias de umbanda/quimbanda. Pelo contrário, uma vez que tais mudanças de comportamentos podem, de forma subjetiva, permitir aos adeptos introspecções singulares sobre sua fé, diante a sua prática devocional ritualística e a atualidade vivida. Logo, o que a religiões afro-brasileiras buscam neste momento é uma manifestação de suas divindades perante o desafio pandêmico. Com efeito, pedem a *Kafungê* e *Katendê* que nos orientem, adeptos ou não, pertencentes aos diferentes estratos sociais, a responsabilidade para consigo e para com outro, no que diz respeito a continuidade de vida, seu bem maior.

Do ponto de vista simbólico – e segundo Fabiano Santos, presidente da Federação Espírita do Estado do Espírito Santo – os espíritas consideram que a pandemia faz parte dum processo de transição planetária ou de regeneração, os quais podem ser considerados como uma oportunidade de mudança, na linha do que Kardec considerava nos seus escritos ser uma necessidade de purificação.

## Islão

O jejum do mês do Ramadão e toda a sua representação espiritual terá sido a obrigação religiosa mais problemática durante o confinamento profilático, uma vez que se trata do *quarto pilar da prática* do Islão, que acontece no nono mês do calendário lunar, no qual terá sido revelado o seu livro sagrado, o Alcorão. O profeta Muhammad considerava que este seria o único acto inteiramente dirigido a Deus, quando os fiéis, desde o nascer do dia ao pôr-do-sol, se abstêm de comer, beber, fumar, manter relações sexuais ou praticar qualquer outro acto que coloque em causa a sua devoção a Alá, incluindo os maus pensamentos, impaciência, discórdias e posturas semelhantes. Este período é especialmente dedicado à reconciliação entre pessoas, familiares ou grupos, servindo igualmente para fazer um balanço da sua fé.

Muitos muçulmanos se referem a este mês como sendo uma escola. Escola que ensina, sobretudo, a paciência, o desapego às coisas materiais, ensina a dividir comida, a sentir o mesmo que as pessoas que passam fome e sede, a retomar a conexão com Deus. Em minha tese de doutorado, *Entre arabescos, luas e tâmaras...*, ao escrever sobre o mês do Ramadan, atentei para o fato de suspensão de papéis sociais, como definiu o antropólogo Victor Turner, este



momento liminar, de uma experiência *extracotidiana* transforma o fiel, ele sai renovado desta experiência. O abster-se de algo deixa o fiel em contato com o sagrado, transformando-o cotidianamente durante este mês, por isso, o Ramadan é o mês de suspensão de papéis, uma reavaliação do *ser muçulmano, do seu iman (fé), das suas práticas (ibadah)*.

BARBOSA (2020) aponta para o carácter social e comunitário da experiência religiosa islâmica, e no modo como os fiéis vivem este evento do ponto de vista da sua fé, destacando as acções de líderes muçulmanos e fiéis na intervenção social, de modo a amenizar o sofrimento dos mais vulneráveis, sem esquecer o peso tradicional da dimensão comunitária existente na celebração do Ramadão:

Se, por um lado, tem-se a abstinência alimentar, de outro temos a fartura nas comidas das quebras de jejum, chamada de *iftar*, que acontecem em mesquitas ou nas casas com presença de outros familiares e amigos. Há famílias que se organizam para esse mês, agendando com antecedência os jantares (*iftar*) que vão oferecer em suas residências. Há grupos que marcam para quebrar o jejum na mesquita e ficam juntos durante a refeição e as orações. Em geral também mudam de mesquita para encontrar outros irmãos e irmãs. Há uma circulação grande nas mesquitas, e casas nesse período. É recomendável convidar outros irmãos para quebrar jejum em casa ou pagar seu jantar em algum lugar.

Os que não podem jejuar por algum problema saúde, alimentam a um necessitado durante o mês. Oferecer um *iftar* é uma dádiva e alegria para os donos da casa. A caridade é praticada o mês todo (*sadaqa*). Outro momento de encontro é a reza em congregação, por exemplo, rezar o *Tarawih* (oração realizada por sunitas como mais uma forma de adoração) após a última oração da noite (*salat Isha*). Na madrugada acordam para o *sohur* que consiste em uma alimentação leve, como ingestão de água, antes da primeira oração do dia – *fajr*. Nas últimas dez noites do mês muitos muçulmanos permanecem nas mesquitas em adoração a Deus. Nas noites ímpares as mesquitas estão lotadas, porque em uma delas foi revelado o Alcorão e os muçulmanos acreditam que tudo que se pede na Noite do Decreto/Destino (*Qadr*) Deus atenderá, é uma noite que vale mais que mil noites.

BARBOSA (2020) refere alguma incerteza sobre como os muçulmanos viveriam o Ramadão, ponto alto do calendário litúrgico islâmico, devido à presente pandemia do coronavírus:

Entretanto, este ano o Ramadão está atípico. A crise sanitária provocada pelo novo coronavírus desencadeou desconforto, incertezas e indagações em alguns muçulmanos. Como será o Ramadão? Como o profeta Muhammad (SAAS) agiria nessas condições que nos impõe o Covid-19? Há uma *hadice* do profeta que diz: "Se você ouvir um surto de uma epidemia em uma terra, não entre nela; mas se a epidemia surgir em um lugar enquanto estiver nela, não deixe esse lugar". Esta fala tem sido usada pelos sheiks e divulgadores/as do Islam como uma forma de respeitar e seguir as prescrições da OMS (Organização Mundial de Saúde) que é ficar em casa. Outro *hadice* que complementa este: "Aqueles com doenças contagiosas devem ser mentidos afastados daqueles que são saudáveis.

A teologia islâmica contempla a ideia de que as tribulações da vida fazem parte dum processo com que Alá pretende fazer o bem a algum fiel, no sentido de que é perante as adversidades que se aprendem as grandes lições da vida, se afinam as atitudes práticas mas também o pensamento e os modos de sentir. Nesse sentido os muçulmanos compreenderam a seriedade da pandemia e os seus elevados riscos, tendo seguido as orientações sanitárias, mas sem deixar de fazer beneficência aos mais carenciados, com a entrega de bens alimentares ou a confecção de comida e produtos de higiene, mas também na orientação aos muçulmanos sobre as medidas sanitárias a seguir, e visitas aos hospitais a fim de cumprimentar os profissionais da área de saúde, apoiando-os com palavras de conforto.

Note-se que o Islão confere importância à higiene pois a limpeza física faz parte das obrigações religiosas. Por isso os fiéis não procedem às suas cinco orações diárias sem ter feito previamente as abluções, lavando mãos, rosto, antebraço e pés. Por outro lado costumam descalçar-se ao entrar em casa, de modo a mantê-la limpa, uma vez que rezam sobre os tapetes. Talvez estes princípios tenham ajudado à compreensão da necessidade de aceitar as medidas sanitárias de prevenção, em especial no tocante à higienização do corpo e dos espaços, no combate à pandemia.

Os muçulmanos utilizam também as redes sociais a fim de compensar o facto de não se poderem reunir regularmente nos serviços religiosos, onde alguns sheiks comunicam diariamente, incluindo *lives* transmitidas através da internet, assim como a produção de vídeos explicativos sobre o sentido do Ramadão.

Instituições como a Wamy (Assembleia Mundial da Juventude Islâmica) e a Fambras (Federação das Associações dos Muçulmanos do Brasil) têm proporcionado material religioso e social em suas redes. A Wamy intensificou seu trabalho de *dawa* no Instagram no qual é possível ouvir palestras curtas do sheik Ali Abdouni e sheik Ahmed Mazloum. A Fambras adotou o modelo seguido por algumas pessoas da comunidade e fora dela que é a produção de *Lives*, um bom exemplo deste modelo foi realizado pela muçulmana Fabiola Oliveira #ALiveéDelas que entrevistou mulheres muçulmanas durante um mês antes da entrada do Ramadan, formando assim um público que se acostumou a este tipo de divulgação. A presença de *Lives* femininas também tem sido visto com mais frequência, e isso corrobora com uma maior participação feminina também dentro da comunidade muçulmana – há divulgação desde maquiagem, roupa, jejum, dieta, *hijab*, comida, religião e cursos acadêmicos como o que tenho realizado as terças e quintas às 20h pelo Instagram, comemorando os 10 anos do lançamento do livro *Olhares femininos sobre o Islã*.

A *salat jummah*, oração obrigatória aos homens, e o *Tarawih* têm sido transmitidos pela Mesquita Brasil tendo a frente o sheik Muhamad Bukai que, após a oração, faz um encontro com outros sheiks para refletir sobre este mês tão importante aos muçulmanos. Na última oração, o sheik usava máscara o que é recomendável a todos que frequentam espaços fora de suas residências. Seguindo as recomendações da OMS e do governo do Estado, o sheik Bukai dá exemplo a sua comunidade, mas, sobretudo, as recomendações do profeta Muhammad (SAAS) que encorajava a *busca de aprendizado religioso, mas sempre se recomendava a necessidade de adotar medidas de precaução básica para estabilidade, segurança e bem-estar de todos os fiéis*. Muçulmanos devem se comprometer com a saúde e o bem-estar de todas as pessoas, mesmo que essas não sejam muçulmanas. Por isso, muitos vêm seguindo as prescrições, que são antes de tudo religiosas.

Em geral os muçulmanos procuram tomar as precauções necessárias para evitar o contágio da Covid-19, mas sofrem, ao mesmo tempo, a pressão psicológica de verem a sua vida profissional limitada, nem por isso se esquecendo de procurar ajudar os mais carenciados, ou porque perderam o emprego ou a sua fonte de rendimento familiar e se sentem desamparados.

## Conclusão

Pode dizer-se que, dum modo geral, as religiões procuraram invocar o bom senso e a prudência no enfrentamento da pandemia, salvaguardando assim a vida dos líderes religiosos, das suas famílias e das comunidades de fé sobre as quais têm responsabilidades. Mas verificou-se também que não deixaram de se preocupar em continuar a sua prática de assistência aos mais carenciados, em termos

de beneficência e contribuição para o suprimento das necessidades básicas dos socialmente mais vulneráveis.

Embora algumas franjas do espectro religioso tenham associado a pandemia a uma leitura escatológica, marcadamente doutrinária, por vezes até chegando ao ponto de sugerir uma imagem divina punitiva, em linha com uma mentalidade cristã medieval, o sentido predominante não é esse, havendo até a consciência de que a acção humana de desrespeito pelo equilíbrio dos ecossistemas estará a montante desta e de muitas outras manifestações destrutivas da Natureza.

Do ponto de vista estritamente religioso, católicos e muçulmanos juntaram-se a 14 de Maio em Roma, num Dia Mundial de Oração, evento inter-religioso para pedir a Deus pela cura da pandemia do coronavírus, que à data já tinha causado 300 mil mortes e infectado mais de 4 milhões de pessoas. Tratou-se duma iniciativa do Alto Comité para a Fraternidade Humana nascida após a viagem do Papa a Abu Dhabi (2009), a primeira visita de um pontífice católico à península arábica, reunindo responsáveis católicos e muçulmanos, para pedir que os crentes de todas as religiões se unam espiritualmente.

A mensagem “Rezar pela humanidade” é dirigida aos “irmãos que acreditam em Deus criador e aos irmãos em humanidade onde quer que estejam”, sublinha o comité.

“O Alto Comité para a Fraternidade Humana convocou para hoje um dia de oração, jejum para pedir a Deus misericórdia e piedade neste momento trágico da pandemia”, começou por lembrar o Francisco, para depois invocar São Francisco de Assis: “Todos somos irmãos e, por isto, homens e mulheres de todas as confissões religiosas hoje nos unimos na oração e na penitência para pedir a graça da cura desta pandemia.” Na homilia, o Papa lembrou que existem outras pandemias que causam milhões de mortos, como “a pandemia da fome, a pandemia da guerra e das crianças que não têm acesso à instrução”, convidando a que se peça a “Deus que nos abençoe e tenha piedade de nós”.

Na informação divulgada pelo site online Vatican News, o organismo adianta que a intenção de oração pede a Deus que “liberte o mundo das consequências sanitárias, económicas e humanitárias da propagação desse contágio grave” do novo coronavírus.

Tanto o papa Francisco como o líder muçulmano Ahmed al-Tayeb oraram juntos, com fiéis de várias religiões, tendo a conferência envolvido líderes religiosos, académicos e culturais de todo o mundo, com a intenção de promover a fraternidade e a solidariedade perante a emergência da Covid-19, numa afirmação eloquente de que uma pandemia global só pode ser vencida com a união de esforços dos povos do mundo, pelo que as religiões têm aqui um exemplo a dar e um testemunho fundamental a transmitir a toda a humanidade.

## Referências

BARBOSA, F. C. (1/5/20). **Como viver o mês do Ramadan em tempo de isolamento social?** Dom Total. Disponível em: <https://domtotal.com/noticia/1440936/2020/05/como-viver-o-mes-do-ramadan-em-tempo-de-isolamento-social/> (consultado em 27/6/20).

BOCKIE, S. **Death and the Invisible Powers: The World of Kongo Belief**. EUA: Indiana University Press, 1993.

BRISSOS-LINO, J. (2020). **Esse Deus não é o meu!** Revista VISÃO. Disponível em: <https://visao.sapo.pt/opiniaio/2020-04-01-esse-deus-nao-e-o-meu/> (consultado em 29/6/20).

CUNHA, H. (14/5/20). **“Todos somos irmãos unidos na oração” para pedir o fim pandemia.** Rádio Renascença. Disponível em: <https://rr.sapo.pt/2020/05/14/religiao/todos-somos-irmaos-unidos-na-oracao-para-pedir-o-fim-pandemia/noticia/192843/> (consultado em 29/6/20).

FRANCO, J. (25/3/20). **O impacto da pandemia na prática religiosa.** SIC Notícias. Disponível em: <https://sicnoticias.pt/opinioao/2020-03-25-O-impacto-da-pandemia-na-pratica-religiosa> (consultado em 22/6/20).

BORGES, A. (20/6/20). **A pandemia. Onde está Deus?** Diário de Notícias. Disponível em: <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/20-jun-2020/a-pandemia-onde-esta-deus-12328663.html> (consultado em 27/6/20).

BUNSEKI, F. **African Cosmology of the Bantu-Kongo: Tying the Spiritual Knot, Principles of Life & Living.** EUA: African Tree Press, 2014.

COELHO, A. C. (1/5/20). **A religiosidade espírita kardecista no período de isolamento social.** Dom Total. Disponível em: <https://domtotal.com/noticia/1441036/2020/05/a-religiosidade-espirita-kardecista-no-periodo-de-isolamento-social/> (consultado em 18/6/20).

KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos.** Tradução de Salvador Gentile. Araras: IDE, 2009.

HAMMED (Espírito). **Renovando atitudes.** (Psicografado por Francisco do Espírito Santo Neto). Catanduva: Boa Nova, 2008.

MACGAFFEY, W. **Art and Healing of the Bakongo, commented by themselves: Minkisi from the Laman collection (Monograph series).** EUA: Indiana University Press, 1991

MENDONÇA, A. L. & MENDES, R. (1/5/20) **Religiões afro-brasileiras bantu em tempos de Covid-19.** Dom Total. Disponível em: <https://domtotal.com/noticia/1441016/2020/05/religioes-afro-brasileiras-bantu-em-tempos-de-Covid-19/> (consultado em: 19/6/20).

MEXIA, P. (20/6/20). **Qualquer coisa católica.** Expresso Revista Nº. 2486. Disponível em: <https://leitor.expresso.pt/semanario/semanario2486/html/revista-e/fraco-consolo/qualquer-coisa-catolica> (consultado em 22/6/20).

NÓVOA, R. S. (21/3/20). **A “nossa” pandemia, a peste medieval e o medo do contágio.** Sete Margens. Disponível em: <https://setemargens.com/a-nossa-pandemia-a-pestes-medieval-e-o-medo-do-contagio-ensaio/> (consultado em 29/6/20).

NUNES, A. (23/5/20). **A fé explica: as respostas das religiões sobre a pandemia do coronavírus.** A Gazeta. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/a-fe-explica-as-respostas-das-religioes-sobre-a-pandemia-do-coronavirus-0520> (consultado em 29/6/20).

PERNIOLA, M. **Del sentire cattolico.** La forma culturale di una religione universale. Roma: Il Mulino, 2001.

Recebido em 29/06/2020

Aceito em 05/12/2020

*Received 06/29/2020*

*Approved 12/05/2020*